

## **Quebradeiras de coco de babaçu:**

### **Raízes culturais ameríndias e africanas presentes nas estratégias de produção e luta em prol da preservação dos babaçuais da Amazônia (1989 a 2010)**

**Andrea Borelli\***

**Resumo:** Esta pesquisa pretende desenvolver, dentro de uma perspectiva interdisciplinar (com destaque para uma abordagem histórico/antropológica e para perspectiva de gênero), análises sobre as permanências e transformações nas ações cotidianas das mulheres quebradeiras de coco de babaçu, situadas no Médio Mearim (Maranhão). As mulheres, foco desta pesquisa, descendentes de ameríndios e africanos, encontram-se organizadas em movimentos sociais e associações que defendem práticas sustentáveis, tais como o agroextrativismo, a preservação da Floresta Amazônica secundária (que cobre cerca de dez mil hectares com babaçuais) e, principalmente, a valorização do trabalho feminino no campo e seus direitos fundamentais; particularmente a partir de um dos Programas da ONG ASSEMA - Comercialização Solidária. A pesquisa se justifica ao pretender dar destaque a ações como estas e promover uma investigação das raízes culturais presentes nas vidas cotidianas de 1990 a 2010.

**Palavras-chave:** Quebradeiras de coco de babaçu; Amazônia; cultura ameríndia; cultura africana; comercialização solidária.

**Abstract:** This research aims to develop within an interdisciplinary perspective, with emphasis on a historical / anthropological and gender-sensitive analysis of the continuities and transformations in the everyday actions of the women babassu coconut breakers, the Middle Mearim (Maranhão), descendants of Amerindians and Africans organized in social movements and associations that advocate sustainable practices, the extractivism, the preservation of the Amazon rainforest secondary (which covers about ten thousand hectares of babassu), and especially the valuation of women's work in the field and fundamental rights, particularly from one of the NGO ASSEMA Programs - Marketing Partnership. The research is justified in seeking to give prominence to these actions and investigate the cultural roots present in the everyday lives from 1990 to 2010.

---

\* Historiadora e Cientista Social, coordenadora dos cursos de História e Ciências Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul.

**Key-words:** Babassu coconut breakers; Amazon; Amerindian culture; African culture; marketing partnership.

“Tu já sabe que não pode derrubar  
Precisamos preservar as riquezas naturais  
Tu já sabe que não pode derrubar  
Precisamos preservar as riquezas naturais  
Óleo de coco  
As mulheres caprichosas  
Fazem comidas gostosas  
De uma boa estimação  
Reconhecemos o valor que o coco tem  
E a casca serve também para fazer o carvão”  
(Canção das quebradeiras de coco de babaçu)

Essas canções foram feitas há muito tempo. É um cântico que serve como protesto, serve como canto de alegria.

Maria de Jesus Ferreira – Quebradeira de Babaçu  
(INCRA, 2007)

O canto marca o tempo.

O canto dá ritmo ao trabalho.

O canto reforça os laços de solidariedade entre as mulheres que, durante longas horas, quebram o coco de babaçu e tiram seu sustento desta prática tradicional. Uma prática que foi recriada, resignificada e reconstruída nas ações concretas dos atores envolvidos na cadeia produtiva do babaçu.

A palmeira do babaçu é uma planta muito comum no Piauí, Pará, Mato Grosso e Tocantins, tendo ainda grande concentração na região do Maranhão.



Por esse motivo, esta pesquisa centra seus esforços nas ações das quebradeiras da região do Médio Mearim, no Maranhão, que congrega um grande número de famílias voltadas à exploração do babaçu.

Trata-se de um recurso muito utilizados pelas comunidades locais, pois além do óleo que é extraído das amêndoas, o babaçu tem diversas aplicações. Sendo utilizado na construção de casas – para a confecção de coberturas, portas e janelas –; a casca do coco é transformada em carvão e a sobra da prensagem das



amêndoas é utilizada para alimentar os animais, entre outras coisas. Enfim, as comunidades locais vivem da exploração desta planta, contudo, são as amêndoas que atingem o maior valor comercial.

As amêndoas são encontradas na parte interna do coco e, cada coco geralmente tem entre três ou quatro amêndoas.

O fruto do babaçu é composto por:

- 1) Epicarpo: trata-se da camada externa e fibrosa
- 2) Mesocarpo: trata-se da camada abaixo do epicarpo, rica em amido.
- 3) Endocarpo: trata-se da camada onde se encontram as amêndoas e que dá origem carvão vegetal.
- 4) As amêndoas: são brancas e recobertas por uma película de cor castanha. São ricas em óleo. (ASSEMA, 2006)

O trabalho das quebradeiras consiste em recolher os cocos e proceder à extração das amêndoas, que é feita com o uso de facão, sendo um trabalho cooperativo e basicamente feminino.

Estas mulheres são, geralmente, descendentes de indígenas, e mantêm as formas de trabalho tradicionais na agricultura de subsistência, no artesanato e no extrativismo. É uma marca da sociedade local que o trabalho seja realizado pelas mulheres das comunidades rurais dos estados em que se encontram babaçuais, e, nesta experiência (CASTRO, 2003),

elas organizam seu tempo, demonstram sua capacidade de luta e organização política (AMRT, 2004), além de agregar a seu cotidiano a questão da preservação ambiental.

Na última metade do século XX, o planeta foi palco de experiências transformadoras, o ritmo acelerado e o impacto das mudanças foi sentido em todo o globo. Nesse quadro, intensas alterações se sucederam: o planeta se tornou urbano; as questões/tensões do cotidiano envolveram a todos; novos fenômenos, como as questões do meio ambiente e desigualdades impactaram o mundo, produzindo estranhamentos e crises, de forma a constituir novas relações (tensões) sociais, étnicas e geracionais, que se impõem como desafios a serem investigados. Observou-se que o intenso processo de mundialização acirrou as disparidades econômicas e sociais, tornando questões como a fome, doenças e o sofrimento humano, mais evidentes e centrais.

Essas questões foram alvo de inúmeras discussões nas esferas internacionais, entre elas, a *Conference on the Changing Atmosphere*, no Canadá, em 1988, seguido pelo *First Assigment Report*, realizado na Suécia, em 1990, e pela Convenção Marco das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a ECO92, realizada no Brasil.

A ECO92 é um evento que se destaca devido à participação feminina em todas as discussões realizadas durante o evento. Internacionalmente, o surgimento do *IPAC – Internacional Policy Action Committee* –, organizou diversos agentes sociais e consolidou a Agenda 21 de Ação das Mulheres, durante o evento Planeta Fêmea, na ECO92. As decisões contidas na proposta foram aclamadas por mais de 1500 participantes de 84 países. (CASTRO, 1997)

Nestas reuniões foram discutidas as questões da emissão de carbono na atmosfera, do desmatamento, e outros aspectos da ação humana e seu impacto no planeta.

Discutido e negociado, em 1997, os Protocolos de Kyoto são marcos da tomada de consciência, por parte dos seres humanos, de suas obrigações com a conservação do ambiente. Em 1998, durante as comemorações da Declaração Universal dos Direitos do Homem, foi discutido o efeito da globalização sobre o ser humano e seu desenvolvimento.

Um dos principais impasses da sociedade contemporânea é o galopante processo de globalização das relações econômicas sem regras e sem freios, que conduz a um perigoso dualismo entre os que globalizam e os que são globalizados. Em 1998, o mundo todo comemorou por um lado, e repensou por outro, os cinquenta anos de vigência da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O repensar da Declaração coincidiu com um momento em que de diversos pontos do planeta levantavam-se vozes críticas abalizadas para alertar para a urgente necessidade de uma nova ética universal capaz de presidir e orientar ou pelo menos atenuar os efeitos desagregadores decorrentes de uma mundialização desgovernada. (WERTHEIN, 2002)

Um dos aspectos apontados como nocivos no estado atual da mundialização é o *imediatismo*, ou seja, a atuação do homem que passa a agir sem prever os efeitos que suas ações terão no futuro, importando-se apenas com o *império do aqui e agora*; prática que impacta violentamente as atividades extrativistas, como a cadeia produtiva do babaçu, que depende da preservação ambiental para continuar existindo.

No entanto, o fenômeno do imediatismo pode ser explicado pela observação de como as relações sociais se baseiam em modelos contratualista, que concebe obrigações somente com indivíduos que podem ser considerados iguais, sem menção aos outros e aos que estão por vir.

O século XXI precisa ser o século de 'prever', no qual se deve procurar prever os efeitos do que é proposto e colocar em ação propostas que possam evitar efeitos desastrosos a longo prazo. (WERTHEIN, 2002)

O século XXI será de previsões ou não será; prever para prevenir: este é o objetivo. Porque a demora entre o enunciado de uma idéia e sua realização é sempre muito grande. Uma geração, ou mesmo várias, é sempre o tempo mínimo para que uma política dê todos os frutos. Como o curto e o médio prazo já estão "nos trilhos" no que se refere ao essencial, o destino das gerações futuras dependerá cada vez mais de nossa capacidade para associar visão de longo prazo e decisões presentes. O fortalecimento das capacidades de antecipação e de previsão é, pois, uma prioridade para os governos, para as organizações internacionais, para as instituições científicas, para o setor privado, para os atores da sociedade e para cada um de nós. (WERTHEIN, 2002)

Esta percepção trouxe a necessidade de pensar novas perspectivas orientadoras às relações humanas, que provoquem alterações no ser, no agir e no pensar, com o intuito de ampliar a dignidade de todos os seres humanos. Neste sentido, a experiência social das quebradeiras ganha relevância, pois sua luta se iniciou atendendo necessidades imediatas e, ao longo do processo, foi ganhando outros contornos, tais como as questões de participação política e luta ambiental.

O discurso de diversas quebradeiras apresenta esse elemento, como pode ser observado na seguinte canção:

Mulher parada deixa de ser tão medrosa  
Seja um pouco corajosa  
Segura na minha mão  
Lutamos juntas com coragem e com amor  
Para o governo dar valor a essa nossa profissão  
Ei não derrube essas palmeiras.  
Ei não devore os palmeirais  
Tu já sabe que não pode derrubar

Precisamos preservar as riquezas naturais  
Tu já sabe que não pode derrubar  
Precisamos preservar as riquezas naturais  
(Canção das quebradeiras de coco de babaçu)

Nestas palavras aparecem elementos que marcam o cotidiano destas mulheres, – como o trabalho cooperativo –, mas as questões da luta política e da preservação dos babaçuais é evidente.

Neste contexto, o quadro orientador desejado pelos intelectuais e vivenciado por essas mulheres passou a ser denominado *ética do futuro*, – já que tem por objetivo promover formas e meios de coexistência que preservem o bem viver neste mundo, valorizando a pluralidade e o respeito às diferenças, no presente e no futuro.

A construção deste novo paradigma depende da mudança de perspectiva com base em três questões:

- Mutação temporal de responsabilidade. Somos responsáveis pelo futuro, futuro do planeta e da humanidade.
- Paradigma da precau o: prever e prevenir
- Amplia o da no o de legado abrangendo a cultura e a natureza.

Para a  tica do futuro, a solidariedade com as gera es do presente não pode sobrepujar a solidariedade com as gera es futuras. Neste sentido, o conceito de desenvolvimento sustentável compõe uma proposta de a o centrada nestes aspectos, pois objetiva a melhoria das condi es econ micas, sociais e ambientais, para, além disso, considerar as questões culturais (como as de legado, memória e patrim nio), ou seja, da própria experiência humana como elemento a ser preservado.

Entre todas as altera es que marcaram o século XX, talvez a mais impactante tenha sido as mudanças nas rela es entre homens e mulheres. O acesso ao mercado de trabalho, tendo a perspectiva da carreira, o acesso   educa o formalizada, nos graus superiores, trouxeram visibilidade às mulheres e suas experiências em diversos  mbitos. O olhar sobre o feminino frutificou, e inúmeras pesquisas acad micas trouxeram   luz a multiplicidade das experiências femininas, destacando as a es destas no âmbito político, artístico e econ mico, tanto no presente quanto no passado.

A amplia o destes estudos possibilitou novos temas de pesquisas e uma renova o metodológica marcada pela percep o da política do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transforma es da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos. Assim, a expansão dos estudos sobre a mulher vinculou-se a uma redefini o da política, frente ao

deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano. (MATOS, 2002; BORELLI, 2010)

Neste sentido, o cruzamento dos movimentos ambientais e de mulheres tem se mostrado bastante produtivo, visto que, de maneira geral, as questões como a pobreza no feminino, a luta pela qualidade da água, da terra e suas implicações para a sobrevivência – questões que aproximam estes dois grupos –, tem, em muitos casos, prejudicado mais diretamente as mulheres.

A equação gênero e meio ambiente trouxe, ademais, questões criativas e provocadoras para o debate contemporâneo sobre crise de paradigmas, ou seja, sobre o conhecimento ocidental, como reterritorialização do espaço e do ambiente, referindo-se ao corpo, à saúde, à sexualidade e ao prazer telúrico. Tal equação questiona sentidos da economia política para a igualdade de vida dos indivíduos, considerando a pluralidade de ser/estar neste mundo, ultrapassa célebres dicotomias entre o indivíduo e a sociedade e entre a natureza e cultura, dicotomias tão caras ao pensamento ocidental, defendendo o equilíbrio dos direitos dos seres humanos em sua, e o direito a casa desses seres humanos, o seu corpo e o seu “planeta”. (CASTRO, 1997)



Fonte: <http://www.miqcb.org.br/galeria.html#>

Atualmente estas questões são consideradas primordiais para a conquista da democracia e equidade, visto que as desigualdades entre homens e mulheres passaram a ser consideradas um problema da coletividade e alvo de políticas públicas, da atenção das grandes empresas e do terceiro setor.

As linhas de financiamentos da maior parte das agências que apoiam projetos de desenvolvimento comunitário tem observado o papel das ações femininas na luta para a defesa da sobrevivência e manutenção da família, da importância das mulheres devido a suas funções reprodutivas, produtivas, sociais, do seu trabalho voluntário e/ou de gestão. (MATOS, 2005)

Estas novas ações levaram a discussão e ampliação do conceito de desenvolvimento para além das questões econômicas e



**ASSEMA**  
ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS  
DE ASSENTAMENTO NO  
ESTADO DO MARANHÃO

tecnológicas. Atualmente, procura-se incorporar a esta definição de transformação social, a promoção de igualdade e sustentabilidade.

“Nós temos uma luta muito grande de defender o meio ambiente, e lutar pelo direito das mulheres, das quebradeiras de coco” (Maria Alice Machado Quebradeira de Babaçu - INCRA, 2007).

As quebradeiras de babaçu da região do Médio Mearim encontram espaço para discutir suas demandas e lutar por seus direitos na ASSEMA - Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão. Essa organização não governamental foi criada em 1989, com a seguinte missão:

A construção coletiva, pelos trabalhadores rurais e quebradeiras de coco babaçu do Médio Mearim, de ações sustentáveis de utilização dos recursos naturais na busca da qualidade de vida no campo, tendo como base a produção familiar, relações justas de gênero e o respeito às etnias e à diversidade cultural. (ASSEMA, 2006)

A ASSEMA trabalha em várias frentes, através de programas de ações voltados a problemas específicos, como o de Comercialização Solidária, que objetiva auxiliar na produção dos derivados de babaçu, investindo nas formas cooperativas de associação. Esse programa dá apoio técnico e financeiro à cadeia produtiva que se inicia no momento da extração da planta.

O Programa de organização de mulheres da ASSEMA trabalha junto às comunidades locais incentivando a organização para o trabalho, a associação em cooperativas e o desenvolvimento de formas alternativas de exploração do babaçu como elemento de geração de renda. Na área da política, o programa procura ampliar o contato das quebradeiras da região com o Movimento Interestadual das Quebradeiras de coco babaçu, que reúne mulheres das regiões do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí.

AVE MARIA DAS  
QUEBRADEIRAS.  
Ave palmeira  
Que sofre desgraça.  
Malditos derruba,  
Queima, devasta.  
Bendito é teu fruto  
Que serve de alimento  
E o leito da terra,  
Ainda dá sustento  
Santa mãe brasileira,  
Mãe de leite verdadeiro.  
Em sua hora derradeira,  
Rogai por todas as quebradeiras!  
Socorro Teixeira  
Fonte: [http://www.miqcb.org.br/imagens/pindova\\_11.pdf](http://www.miqcb.org.br/imagens/pindova_11.pdf)

Esses grupos foram fundamentais para a aprovação da Lei do Babaçu Livre, que pode ser considerada, até o momento, a maior vitória do movimento das quebradeiras;

Trata-se de um conjunto de medidas legais que analisam a questão do babaçu e que determinam:



- Acesso aos babaçuais, mesmo em propriedade privada,
- A proteção contra desmatamento que acontecia como forma de impedir o acesso das mulheres as palmeiras de babaçu.



Essas duas grandes diretivas minimizam os problemas enfrentados por estas mulheres, pois a maior parte dos babaçuais encontram-se em propriedades privadas. E, muitos fazendeiros locais tentavam impedir o acesso das quebradeiras as palmeiras, muitas vezes

usando de violência. Uma maneira encontrada para evitar “confusão”, na perspectiva dos proprietários, era derrubar as palmeiras, e, desta forma, terminar com o motivo das mulheres para entrarem em suas propriedades.

Essas medidas, violência e derrubada das matas, colocaram em risco a preservação da palmeira de babaçu e a sobrevivência das famílias envolvidas na exploração do coco.

Eu sou mulher  
Sou negra  
Sou quebradeira  
Nós estamos na luta e fazendo luta>>  
Maria de Jesus Ferreira – Quebradeira de Babaçu (INCRA, 2007)  
É do coco que a agente tira o sustento para as nossas famílias,  
então representa tudo nas nossas vidas  
Maria das Dores Vieira– Quebradeira de Babaçu

A aprovação das Leis do Babaçu-livre não diminuiu o espírito de luta destas mulheres que, cotidianamente, resignificam e reconstroem suas trajetórias de vida dando novos sentidos às práticas e crenças tradicionais – como a religião –, e agregando novos valores a estes, como pode ser observada na canção das quebradeiras:

Santa Maria é a nossa companheira  
Grande força verdadeira que protege essa nação  
Fortalece a nossa luta pouco a pouco  
E a mulher que quebra coco pede a tua proteção  
Ei não devore os palmeirais  
Tu já sabe que não pode derrubar

Precisamos preservar as riquezas naturais  
Tu já sabe que não pode derrubar  
Precisamos preservar as riquezas naturais  
(Canção das quebradeiras de coco de babaçu)

Essas histórias de vida, marcadas por lutas pela terra e capacidade de organização política, ao combinar critérios de gênero com preservação ambiental, causam inquietações que merecem estudos mais aprofundados. Nesse sentido, essa pesquisa continua rastreando as questões expostas, enfatizando os processos e ações coletivas e cotidianas.

### **Bibliografia:**

- AMTR - *Boletim da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Lago do Junco e Lago dos Rodrigues*, AMTR, Maranhão, 2004.
- ASSEMA. *Origens e missão*. Site Oficial, Maranhão, 2006.
- BORELLI, Andrea. *Uma cidadã relativa*. São Paulo: DC&C Empresarial, 2010.
- CASTRO, Jaciara Almeida. *Gênero e trabalho: um estudo sobre as quebradeiras de coco de babaçu do Maranhão*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Gênero e meio ambiente*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MATOS, Maria Izilda. *Gênero e Terceiro setor*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Por uma história das mulheres*. Bauru: EDUSC, 2000.
- QUEBRADEIRAS, *destino de mulher*. Produção TV Cultura, São Paulo, 2000.
- QUEBRADEIRAS: *Programa Brasil Rural Contemporâneo*, Produção INCRA, Brasília, 2007.
- WERTHEIN, Jorge. *Construção e Identidade: as Idéias da UNESCO para o Brasil*. São Paulo: UNESCO, 2002.